

Pt. 8 - O Jogo da Esquerda/Direita [RASCUNHO 1] 14/02/2017

No breve espaço de tempo antes de atingir o chão, encontro-me sozinha com as estrelas.

À medida que caio para trás em direção à encosta, meu olhar ergue-se para encontrar o céu noturno e sinto uma súbita falta de peso tomar conta, como se estivesse me concedendo um encontro com os céus. O rico e infinito firmamento brilha grandiosamente, sem nenhuma luz terrena para abafar seu espetáculo. Apesar de tudo o que aconteceu, não consigo ignorar o quão magnífico tudo isso é. Embora o momento não dure mais do que um segundo, parece muito mais longo, como se eu tivesse recebido uma pausa fugaz, um período transitório de tempo para apreciar o cosmos calmo e tranquilo. Um momento para escapar, ainda que brevemente, dos acontecimentos que estão por vir.

Não sei quanto tempo esse momento pode ter durado. Suponho que nunca saberei. É com uma sensação de tristeza genuína que me viro, girando meu corpo no ar. As estrelas desaparecem de vista e fico olhando para a encosta, para as profundezas escuras e intransigentes do vale. Minha comunhão com os céus terminou e estou de volta à terra fria e implacável.

Ela não me dá boas vindas de volta.

Cheguei à encosta, saltando imediatamente de um ombro e aterrissando no outro, descendo a colina com força e completamente imparável. Meu corpo inteiro é lançado no caos em uma dança frenética e incontrolável, arrastado pela terra que corre em direção ao fundo do vale.

Meu pé bate contra uma pedra dura e irregular. Meu rosto raspa em uma pequena flor de urtiga, suas folhas cáusticas fazem cócegas em minha bochecha. Eu luto para trazer ordem à minha descida, minhas mãos agarrando a vegetação rasteira, arranhando o solo solto em uma busca frenética por estabilidade.

Pedras e terra caem em cascata ao meu redor quando, finalmente, consigo descer com os pés apontados para baixo. Recuperei o controle bem a tempo, olhando para frente e vendo uma grande árvore saindo da colina alguns metros abaixo de mim. Uma fração de segundo antes de colidir com o tronco grosso e nodoso, eu me jogo para o lado, meu pulso ricocheteando na casca e enviando uma dor aguda pelo meu braço.

A base do vale aparece, vindo em minha direção enquanto mergulho através da vegetação rasteira. Consigo distinguir os corpos dos cervos que fizeram esta viagem perigosa antes de mim. Posso ouvir os urros de dor dos sobreviventes, gemendo de resignação vazia enquanto lutam para ficar de pé com as pernas quebradas.

Um momento depois, me junto a eles.

A inclinação não se nivela gradualmente. Pouco antes do fundo, a inclinação acentuada que tenho atravessado desesperadamente desce até uma rocha íngreme. Antes que eu possa me conter, sou lançada da encosta, jogando terra no ar. Passo os últimos três metros em queda livre, antes de cair de joelhos, todo o meu corpo sujeito a uma parada completa e estremeecedora dos ossos.

Com o corpo tenso e dolorido, levanto-me do fundo do vale. No segundo em que tropeço, um forte feixe de luz de lanterna atinge o chão à minha direita. Meus músculos gemem, eu pulo para trás contra a parede de pedra natural enquanto a luz balança em minha direção, passando diretamente sobre o local onde acabei de pousar.

Bluejay está me procurando. Eu não esperaria nada menos. O feixe desliza pelo chão, examinando a base da encosta, iluminando os corpos retorcidos de incontáveis cervos. Felizmente, a sombra projetada pela parede rochosa oferece uma espécie de santuário, protegendo-me do brilho inquieto da lanterna.

Não espero que ela venha atrás de mim. Certamente não espero que ela desça a encosta. Talvez ela pudesse voltar pela estrada, tomando uma descida mais suave, e me perseguir pelo vale assim que ele se nivelasse, mas essa caminhada provavelmente levaria meia hora em cada sentido. Se eu fosse ela, não gostaria de deixar o Wrangler desprotegido por tanto tempo.

Apesar de não dar sinais de entrar no vale, Bluejay está claramente ansiosa para me localizar. A lanterna de repente ilumina o solo úmido à minha frente enquanto ela a aponta de volta para o vale. Suspeito que ela a desligou apenas o tempo suficiente para que eu me sentisse segura, permitindo-me considerar sair para o ar livre. Também suspeito que, se a luz da lanterna me encontrar andando pelo fundo do vale, uma bala irá rapidamente segui-la, colocando-me no chão para deitar com os cervos. A partir daí, tudo o que ela precisaria fazer seria descer e tirar a chave do Wrangler dos meus dedos frios e flácidos.

Recuperando o fôlego, com as costas pressionadas contra a parede de pedra áspera, repasso minhas prioridades atuais. Preciso estabilizar Rob, atrair Bluejay para longe do Wrangler e, mais urgentemente, preciso entrar em contato com Lilith.

Coloco a minha mão para trás, procurando meu walkie-talkie pessoal. Meus dedos tocam o jeans, encontrando um espaço vazio onde o equipamento deveria estar. Meu estômago embrulha enquanto o procuro. Foi-se. Eu o tinha comigo quando caí na encosta, mas em algum momento durante minha descida furiosa, ele deve ter escapado de mim.

A luz da lanterna gira novamente.

Começo a fazer um inventário mental dos rádios do comboio. Antes de sairmos para a estrada, Rob entregou um walkie-talkie para cada um de nós. Desde então, é seguro presumir que aqueles pertencentes a Ace, Apollo, Eva, Bonnie e Clyde não estão mais em jogo. Lilith deve

ter perdido o dela quando seu carro afundou no chão, e foi por isso que dei o de Rob a ela antes que ela corresse para a floresta. Restava apenas o meu, que poderia estar em qualquer lugar da encosta, e o de Bluejay.

A luz da lanterna desaparece mais uma vez.

Eu cuidadosamente me inclino para fora das sombras, examinando a floresta ao meu redor. O walkie-talkie de Bluejay estava no carro dela quando a criança a empurrou da estrada. Se eu estiver correta, então o transceptor dela é o único restante que posso usar para entrar em contato com Lilith. Seu carro não parece estar em nenhum lugar ao meu redor, mas quando viro a cabeça e examino a encosta escura, posso vê-lo parado, interrompido no meio da queda, precariamente apoiado de lado, amassado em volta do tronco de uma árvore velha e danificada.

Se quiser entrar em contato com Lilith, terei que subir até lá.

Sigo ao longo da rocha até que o carro de Bluejay esteja quase diretamente acima de mim. Virando-me e passando as mãos na parede úmida, consigo discernir alguns pontos de apoio que posso usar para subir. Colocando os dedos em uma grande ranhura acima da cabeça, enfio a bota em uma pequena fratura na rocha e me empurro para cima.

Não é uma subida fácil. Minhas mãos estão frias, meus braços estão cansados e certamente não estou usando os sapatos certos. Minhas botas escorregam repetidamente, fazendo meus braços latejarem enquanto são forçados a suportar meu peso. Depois de raspar meticulosamente os primeiros dois metros, fico sem lugares para colocar as mãos, meus dedos estendidos caindo cerca de 25 centímetros abaixo do topo. Respiro fundo, deixando os dois braços esticados enquanto me inclino para trás e observo a parede acima de mim. À medida que a lanterna passa mais uma vez, ela ilumina uma pequena raiz retorcida na beira do penhasco.

Não tenho ideia se consigo alcançá-la, e há todas as chances de que ele ceda imediatamente, fazendo com que eu caia impotente de volta ao chão. No entanto, já posso sentir meu aperto enfraquecendo com uma dor perceptível subindo pelos meus antebraços. Não poderei ficar onde estou por muito mais tempo e suspeito que não terei energia para chegar tão longe novamente. Levantando os pés, arranhando a lateral da bota contra a parede até que ela fique no lugar. Dobro ligeiramente as pernas, preparando-me para dar o salto. Rangendo os dentes e com uma inspiração aguda e hesitante, eu me levanto no ar e me solto da parede.

Sinto-me extremamente vulnerável, pairando no ar com nada além de uma queda violenta abaixo de mim e uma subida angustiante esperando acima. Eu jogo meus braços para frente quando atinjo o pico do meu salto e consigo pegar a raiz com as duas mãos. Um forte solavanco torce meus ombros, ameaçando me jogar de volta no chão. Só o medo e a adrenalina sustentam meu aperto desesperado, meus braços em chamas enquanto balanço

minha perna até a borda, enganchando meu calcanhar por cima depois de algumas tentativas desajeitadas.

Eu me forço a passar pela borda e entrar no solo macio, bem a tempo de a luz da lanterna começar a girar em minha direção.

Com um esforço final, empurro meu corpo dolorido para cima e luto até a árvore mais próxima, caindo em sua base e me pressionando contra a casca. A luz viaja rapidamente. A sombra escura da árvore oscila à direita, cobrindo-me, e depois desaparece novamente à medida que se estende à minha esquerda. Escondo-me na escuridão, com certeza retornarei assim que Bluejay parar sua vigilância frenética.

Começou a chover um pouco. Algumas gotas esporádicas caem através da copa esparsa e pousam na palma da minha mão estendida. Não demora muito para que essas gotas sejam reforçadas por uma chuva constante, batendo nas folhas e na grama, encharcando a argila. A já penosa inclinação se mostrará completamente impossível de escalar se a chuva tiver tempo suficiente para alisar a grama e transformar o solo em lama. Também duvido que consiga fazer a subida inicial novamente, especialmente se a parede rochosa ficar coberta por uma camada de chuva fria.

Por mais que eu tenha que me mover rapidamente até o carro, também preciso me mover com cuidado. Está ficando cada vez mais claro que esta será minha única tentativa de alcançar o rádio.

O veículo está a apenas uma curta subida. Posso ver o chassi encostado na árvore, todo o lado esquerdo do veículo pressionado contra a parede. Só agora que estou perto é que ouço o rangido sinistro que emana do carro, que balança quase imperceptivelmente em torno de um ponto focal fino.

Espero que a luz da lanterna passe por mim mais uma vez antes de sair da sombra da árvore. Minhas mãos cobertas de terra tentam agarrar qualquer coisa concebível enquanto tento subir a margem em direção ao veículo de Bluejay. Meus pés escorregam na grama a cada dois passos. A chuva penetra pela folhagem, encharcando minha roupa.

Estou completamente exposta enquanto caminho em direção ao carro. Embora continue a ser uma preocupação constante, a lanterna parece estar explorando outra seção da colina quando chego por baixo do chassi, o pneu paira imponentemente sobre mim. Olho brevemente para cima para verificar os movimentos de Bluejay e então, lentamente, me firmando contra a inclinação incrível, saio para o espaço aberto mais uma vez e me levanto até ficar alinhada com o capô deformado e retorcido.

O rádio de Bluejay ainda está preso na base. Apesar do estado desgastado do carro, o para-brisa está frustrantemente intacto, com nada mais do que um pequeno buraco irregular próximo ao centro. Será necessário um pouco de manobra, mas não deve ser muito difícil

alcançar e soltar o rádio. Lenta e hesitante, passo meu braço pelo centro da abertura, cacos de vidro serrilhado circundando minha pele. Minha mão alcança o painel, roçando lentamente sua superfície em direção ao walkie-talkie enquanto me inclino para dentro do carro.

A luz da lanterna começa a oscilar pela colina. Bluejay está caminhando pela borda em uma missão frenética para me encontrar. Na minha posição atual, exposta e presa a um procedimento lento e delicado, não há como sair do caminho a tempo.

Minha mão agarra o transceptor enquanto a luz chega até mim. Embora tenha vergonha de admitir, por um breve momento, afogada no brilho revelador do fecho da lanterna, fico atordoada e paralisada. A luz parou de se mover, fixando-se diretamente em mim, lançando minha sombra nítida no vale. Posso imaginar o olhar triunfante de Bluejay quando sua busca desesperada é finalmente recompensada.

Voltando a mim mesma tarde demais, cerro os dentes e arranco o walkie-talkie da base. Sem tempo para graça ou cuidado, retiro meu braço do para-brisa, inspirando profundamente quando um aberrante caco de vidro raspa nas costas da minha mão.

Acontece que tenho coisas maiores com que me preocupar, pois ouço um grande estrondo vindo do topo da colina, seguido instantaneamente por um som repugnante de zíper que passa rapidamente pelo meu ouvido. Estremeço instintivamente com o barulho, minha reação repentina faz com que minhas botas deslizassem. Eu bato no chão e desço a colina. O pouco controle que tenho sobre a encosta eu desisto em uma tentativa desesperada de rolar até a sombra do carro e sair da luz. Não tenho tempo para me endireitar enquanto sou arrastada caoticamente para baixo em direção ao vale e jogada da beirada mais uma vez.

A base do vale surge poucos segundos antes de meu corpo bater nela. O ar é arrancado dos meus pulmões, meu grito de dor forma uma nuvem visível de vapor que se dissipa no ar frio da noite. Deitei de lado, segurando o walkie-talkie nas mãos. No mínimo, consegui mantê-lo sob controle.

A lanterna dança erraticamente em torno da minha posição. Eu me levanto e arrasto meu corpo pelos últimos metros, caindo contra a parede enquanto o fecho ilumina o chão à minha frente. Ao levantar o rádio, percebo que minhas mãos tremem violentamente. Acho que nunca estive tão perto da morte como quando aquela bala passou por mim e, embora o barulho tenha morrido rapidamente, suas implicações horríveis ecoam em meu crânio. Bluejay atirou em Rob como moeda de troca, para nos tirar do Wrangler. Foi uma demonstração de força. Um jogo de poder. A bala que ela acabou de disparar em minha direção não tinha nenhuma nuance, nenhuma pretensão, nenhum objetivo além de sua função primária.

Bluejay está preparada para me matar, o que significa que ela está preparada para matar qualquer um de nós. Levanto o transceptor e mudo de canal até encontrar a frequência de Rob.

AS: Aqui é Bristol para Lilith. Bristol para Lilith. Está ouvindo?

O rádio estala quando solto o botão. Espero vinte segundos intermináveis pela resposta de Lilith.

AS: Aqui é Bristol para Lilith, você pode me ouvir?

Desta vez deixei passar um minuto. Nada ainda. Tudo pelo que tenho lutado desde que pulei no vale esbarrou em um muro de silêncio. Sinto uma onda de frustração dentro de mim.

Não é justo.

AS: Jen? Jen... Você está aí?

Mais um minuto se passa. Fico sentada em silêncio o tempo todo, observando o rádio que arrisquei minha vida para pegar se transformar em um pedaço inútil de plástico. Depois de um tempo, afrouxei o aperto e deixei-o cair no solo úmido.

Dobro as pernas em direção ao queixo, envolvo-as com os braços e descanso a cabeça nos joelhos. Em um momento de descanso, minha respiração fica superficial. Um conjunto de lágrimas frescas surge atrás dos meus olhos, derramando-se pelo meu rosto. A chuva cai ao meu redor enquanto choro baixinho, sentada no meio de uma floresta escura, enlameada, ferida e sozinha.

Sou arrancada da minha melancolia enquanto a chuva cai em todas as direções concebíveis, chicoteando meu rosto e respingando na rocha com uma força incrível. O ar é transformado em um turbilhão furioso, e um som familiar e estrondoso atravessa o éter.

VOZ: Eu vi você lutar.

Assim que chega, a voz desaparece. O vento acalma e a chuva começa a cair verticalmente mais uma vez.

AS: Olá?! Olá?! Quem é?

O ar está parado, ausente de tudo, exceto da chuva. Enxugo as lágrimas do meu rosto enquanto chamo o ar.

AS: Você pode me ajudar? Por favor, você pode... Apenas...

A voz desapareceu e suspeito que não a ouvirei novamente tão cedo. Talvez só queira que eu saiba que está me observando. Uma coisa é certa: se a voz está tentando me trazer conforto ou me fazer sentir menos sozinha, então seus métodos são terrivelmente equivocados.

LILITH: Alice, você está aí?

Meus olhos se fixam no rádio crepitante.

LILITH: Alice, você ainda está aí? Me desculpe, não consegui...

AS: Jen! Jen, você está bem? Você está segura?

LILITH: Sim, estou bem, pensei que você estivesse... O que aconteceu com você?

AS: Eu, uh... Eu pulei colina abaixo, peguei o walkie-talkie da Bluejay, ela atirou em mim... Como você está?

LILITH: Ela enlouqueceu. Cheguei a uma clareira na floresta. É direto do carro, ou pelo menos espero que seja. Ainda não vi... Aquela coisa em lugar nenhum.

AS: Bem, é uma floresta grande. Talvez tenha desaparecido. Você pode ficar perto da clareira?

LILITH: Sim, posso ficar escondida por perto. O que você vai fazer?

AS: Vou até você e vamos tirar Bluejay do Wrangler.

LILITH: Como?

AS: Ainda estou trabalhando nisso. Estou a cerca de meia hora de distância. Mantenha o volume baixo, mas mantenha contato, certo?

LILITH: Sim. Ok... Ok, vou fazer isso. Que bom que você está bem, Alice.

AS: Sim, você também, Jen.

Prendo o rádio na cintura. Meu corpo ainda dói por causa da queda, o sangue escorre lentamente da minha mão e meus dedos estão quase dormentes por causa do frio. No entanto, ouvir a voz de Lilith do outro lado do rádio trouxe de volta algo que perdi no vale. Uma sensação de determinação que estimula meus músculos cansados, me coloca de pé e me prepara para voltar à estrada.

Ainda estou presa no meio de uma floresta escura, ainda estou enlameada, ensanguentada e ferida, mas não estou mais sozinha.

Não demora muito para que minhas botas cheguem ao asfalto. Sigo a estrada, mantendo-me na linha das árvores enquanto subo a colina. Estou relutante em me colocar à vista do Wrangler, onde Bluejay quase certamente estará acampada e esperando. Infelizmente, é o

único ponto de referência em uma floresta que de outra forma seria desconhecida, o único local de onde a localização de Lilith pode ser adivinhada.

Assim que a estrada fica nivelada, tomo a precaução de me proteger nas sombras das árvores. A estrada é quase impossível de ver agora, mas vou precisar de cobertura se Bluejay ainda estiver de vigia. Embora eu esteja apenas alguns metros dentro da floresta, ela me enche de uma sensação palpável de desconforto. Cada sombra parece predatória, cada galho que estala sob meus pés soa como o estalo de um chicote.

Quando o Wrangler aparece, Bluejay não está mais à vista. A curiosidade toma conta de mim e me aproximo da estrada, observando a cena enquanto as árvores diminuem. O lugar está deserto, sem Bluejay ou Rob em qualquer lugar à vista. Não tenho ideia do que poderia tê-la forçado a movê-lo. Talvez ele tenha conseguido fugir.

Algo parece errado.

Ao me aproximar do Wrangler, encontro a janela do passageiro quebrada, mil lascas de vidro espalhadas pelo chão, pisadas na lama. O porta-luvas foi deixado aberto, as caixas de munição foram esvaziadas ou removidas. A próxima coisa que noto faz meu sangue gelar e me obriga a amaldiçoar minha própria estupidez.

A luz do rádio está acesa.

Quando cheguei ao sopé da colina. Calculei corretamente o número de rádios ativos, chegando à conclusão de que apenas eu e Lilith poderíamos nos comunicar. Tecnicamente eu estava certa, éramos as únicas que podíamos falar, mas isso não significava que éramos as únicas que podíamos ouvir. Eu tinha esquecido que o rádio do carro de Rob tinha bateria independente e alto-falantes embutidos. Mais importante ainda, ele o usou durante toda a viagem para transmitir e receber em todas as nossas frequências.

Mudo a frequência do walkie-talkie para um canal aleatório, levanto o receptor até a boca e seguro o botão de falar.

AS: Bristol para todos os carros.

Minha voz sai do rádio. Bluejay devia saber que eu iria entrar em contato com Lilith e ela invadiu o Wrangler para espionar a conversa. Não acredito que não pensei nisso antes.

Mudo o rádio de volta para a frequência de Lilith.

AS: Lilith, você precisa se mexer. Bluejay nos ouviu. Ela não está ouvindo agora, mas sabe que vou encontrar você perto da clareira. Volte aqui, ok? Lilith, você pode me ouvir?

BLUEJAY: Traga-me a porra da minha chave, Alice.

Meu coração afunda no peito. Agora faz sentido porque Bluejay não estava protegendo o Wrangler. Ela ouviu minha conversa e, em vez de esperar que eu voltasse a subir a colina, foi atrás de Lilith. Apesar de todos os meus esforços, de todas as minhas boas intenções, levei Bluejay direto até ela.

AS: Bluejay, onde está Lilith?

BLUEJAY: Ela está aqui.

Ouçoo um coro de soluços silenciosos ao fundo da ligação, posso ouvir Lilith chamando meu nome humildemente.

AS: Ok... Ok, deixe-me falar com ela.

BLUEJAY: Haha, o quê?! Não, não. Não, você não vai me enganar de novo, Alice. Você não vai falar com ninguém. Você pode me trazer a chave da porra do meu carro e depois voltar para casa. Agora, o que você precisa discutir sobre isso?

AS: Bluejay, isso é... Não somos suas inimigass, Denise, ok? Por favor... Por favor, você tem que acreditar em mim-

BLUEJAY: Você acha que algum dia vou acreditar na porra de uma palavra do que você diz?! Traga-me a porra das minhas chaves e se você usar mais algum truque, colocarei uma bala na porra da sua cabeça. Agora, você acredita nisso?

Ela espera pacientemente pela minha resposta. De repente, sinto como se entrássemos em um reino totalmente novo. Bluejay está em vantagem e, sob a ameaça de consequências ferozes e impensáveis, nos tornamos súditos em seu domínio. A razão, a diplomacia e a sanidade não têm mais influência sobre nada. Enquanto ela tiver Lilith na ponta daquele rifle, estarei em dívida com sua loucura.

AS: Tudo bem. OK. Estou a caminho.

BLUEJAY: Ótimo. Você precisa se lembrar, Alice, eu não queria nada disso. Você me trouxe aqui.

Bluejay solta o botão, me devolvendo a um silêncio familiar. Se eu esconder as chaves dela, Lilith estará à sua mercê e, embora Bluejay não possa se dar ao luxo de matar sua moeda de troca, não tenho dúvidas de que ela estará disposta a machucá-la tanto quanto for necessário para me forçar. Se eu deixar ela levar o Wrangler, no entanto, nós duas morreremos de qualquer maneira.

Paro um momento para pensar nas minhas opções. Não demora muito. Não sobraram tantas.

Minha jornada pela floresta é desconfortável e tem uma finalidade inquietante. Como uma criança culpada rumo a um acerto de contas inevitável, sou dominada por um pavor generalizado que aumenta a cada passo arrastado. Faço o possível para manter o Wrangler atrás de mim, traçando uma linha reta pela floresta. Ao todo, leva menos de cinco minutos antes que a clareira se abra diante de mim.

Bluejay está plantada bem no centro de uma grande clareira, deixando muito terreno exposto em todas as direções para que eu sequer contemple uma emboscada. A tocha de Rob está a seus pés, enquanto ela mantém ambas as mãos firmemente em volta do rifle. Lilith se ajoelha ao lado dela, o cano da arma encostado em sua têmpora, o rosto manchado de lágrimas, contorcido por uma mistura de desespero e raiva mordaz. Suas mãos descansam em seu colo, seus pulsos presos pelas mesmas braçadeiras que eu usei para prender Bonnie. Posso imaginar Bluejay cheia de justiça poética quando ordenou que Lilith prendesse a faixa em seus pulsos.

As duas me veem assim que saio das árvores.

BLUEJAY: Você está atrasada.

AS: Eu precisei dar a volta. Lilith, você está bem?

BLUEJAY: Pare de andar. Pare de andar!

Bluejay segura o rifle com mais força, me enviando uma mensagem que não pode ser ignorada. Ela está me mantendo a uma boa distância. Ela também sabe que leva um ou dois segundos para recarregar o rifle e quer que eu esteja longe o suficiente para dar tempo para pelo menos dois tiros consecutivos. Tudo o que ela faz, cada ação que toma, demonstra que ela está se preparando para agir rapidamente contra nós, caso algo desagradável aconteça.

AS: Lilith, você está bem?

LILITH: Estou... Estou bem. Estou bem.

BLUEJAY: Entregue as chaves, Alice.

AS: Bluejay, leve-a de volta com você. Por favor. Você não precisa deixá-la... você pode deixá-la na delegacia assim que chegar em casa. Mas apenas... Leve-a para casa.

BLUEJAY: Passe-me a porra das chaves.

AS:... Tudo bem. Elas estão na minha bolsa, deixe-me-

BLUEJAY: Ei, Ei! O que você está fazendo?

Bluejay me ataca enquanto eu enfio a mão na minha bolsa, apontando o rifle contra Lilith, que chora de angústia enquanto o cano cutuca repetidamente sua têmpora. Tiro a mão da bolsa e a deslizo lentamente do ombro. Cada movimento que faço é considerado um potencial ato de trapaça.

AS: Tudo bem. Tudo bem. Aqui.

Balanço minha bolsa em um arco lento e a jogo para Bluejay. Ela cai na terra molhada cerca de um metro à sua frente.

BLUEJAY: Assim é melhor.

Bluejay dá um passo à frente, deixando momentaneamente o cano da arma escapar da têmpora de Lilith. Ela rapidamente se abaixa e coloca a bolsa sobre o ombro, pegando a chave do Wrangler e colocando-a no bolso da jaqueta. Nos fugazes segundos de distração, vejo Lilith levantar as mãos acima da cabeça e balançar os cotovelos para os lados em um único movimento fluido.

O zíper se abre e, sem perder um segundo, Lilith se lança em Bluejay, agarrando sua cintura por trás e tentando forçá-la a cair no chão. Chocada com a rapidez de tudo isso, mas ciente de que esta pode ser nossa única chance, me vejo correndo pela clareira em direção às duas.

Bluejay é pega de surpresa após o ataque de Lilith, mas ela se adapta rapidamente à situação. Colocando um pé na frente para apoiar seu impulso repentino, ela evita ser derrubada. Ao mesmo tempo, balança a coronha do rifle para o lado, onde encontra o rosto de Lilith com um estalo nauseante.

BLUEJAY: Sua vadia!

Lilith é derrubada de costas, atordoada e machucada. Sem hesitar, Bluejay abaixa o rifle e dispara um tiro na barriga da garota.

Encontro-me presa no momento, como se a própria realidade estivesse atordoada pela loucura que está acontecendo diante dela, sem saber como continuará. O som do tiro tropeja pela minha consciência, mas ao mesmo tempo parece distante, de outro mundo. Não consigo falar, meus lábios entreabertos inutilmente enquanto os gritos intermitentes de Lilith ressoam, ininterruptos, por toda a clareira.

AS: O que você fez... o que você-

Bluejay está se afastando rapidamente de Lilith, colocando espaço entre nós duas enquanto ela luta para recarregar. Ela estava certa em me manter à distância desde o início, o que deu

tempo mais do que suficiente para enfiar uma segunda bala na câmara e encaixar o ferrolho na posição.

BLUEJAY: Chega de truques, Alice.

Antes que eu perceba, começo uma corrida final e desesperada, jogando lama molhada atrás de mim enquanto corro em direção ao abrigo da linha das árvores. Posso imaginar Bluejay apontando o rifle e baixando os olhos para a mira.

Outro tiro ecoa pelo ar frio, voando longe e morrendo com um baque distante. Ao chegar à beira da clareira, me jogo atrás do grosso tronco da árvore mais próxima. Minhas costas pressionam a casca áspera, enquanto ouço qualquer movimento atrás de mim.

Galhos estalam sob os pés de Bluejay enquanto ela avança em minha direção.

BLUEJAY: Vocês fizeram isso com vocês mesmas! Vocês fizeram isso com suas mentiras, seus truques e seus malditos jogos. Bem, eu não estou mais jogando, PORRA!

Um tiro passa de raspão na árvore, ricocheteando na floresta, posso ouvi-la começando a contornar minha posição, pronta para atirar assim que conseguir o ângulo certo.

BLUEJAY: Você continuou mentindo até o fim. Tudo o que você fez, tudo o que você é, seu maldito monstro! Vou colocar uma bala na sua cabeça e não vou sentir porra nenhuma!!

Desde o momento em que ela abriu a boca, derramando seu cinismo amargo e dogmático em nosso grupo, esperei que Bluejay percebesse que estava errada. De vez em quando, num momento de silêncio, eu me pegava fantasiando sobre o fenômeno severo e esotérico que iria parar sua língua e forçá-la a aceitar a verdade. Percebo agora que nunca existiria tal momento, que nada está além de seus poderes de auto-ilusão. Ela estava perdida para nós, perdida na estrada; uma mulher distorcida, enlouquecida por sua própria racionalidade.

Minha mão desliza para dentro do bolso.

AS: Você sabe o que é Bluejay. Eu acredito em você.

As próximas coisas que ouço são um toque fraco e nostálgico seguido de um estrondo repentino e ensurdecedor.

No breve tempo que tive após meu diálogo tenso com Bluejay, eu tinha levado uma das facas de Rob para o bloco de C4, cortando quase tudo ao redor do detonador. O bloco pesava menos de meio quilo quando o coloquei em um compartimento da minha mochila e o abotoei. Quando Bluejay pediu a chave, fiz questão de enfiar a mão na minha bolsa com entusiasmo, tive a sensação de que ela veria minha ansiedade como uma armadilha em potencial, me dando a chance de jogar a bolsa para ela.

Ela não confiava em nada do que eu fazia e isso a tornava previsível.

Saio de trás da árvore e olho para Bluejay, deitada no chão da floresta, uma grande parte de seu abdômen removida pela explosão, seu braço, ombro e parte superior da coxa praticamente inexistentes. Ela luta para respirar enquanto o solo ao seu redor se enche de sangue.

BLUEJAY: Eu estava... Eu estava-

Eu me afasto dela e corro em direção a Lilith. Caio de joelhos ao seu lado, segurando uma de suas mãos. Ela segura meus dedos fracamente, seus olhos estão começando a se fechar, abrindo novamente em intervalos cada vez mais breves.

AS: Ei Jen...

LILITH: Oi... Oi, Alice.

Ela fala suavemente, suas palavras mal conseguem passar pelo zumbido intenso em meus ouvidos.

AS: Tente ficar acordada, Jen. Você vai ficar bem, ok? Estancaremos o sangramento e curaremos você... De volta ao Wrangler. Temos Roswell na primavera. Quando você estiver melhor iremos juntas para lá, ok? Jen? Jen...

Quando ela consegue abrir os olhos mais uma vez, o olhar que ela me dá é gentil e comovente. Não posso deixar de pensar no tempo que passamos na encosta do penhasco, com vista para os vastos campos. Ela perguntou quantas pessoas morreram ouvindo mentiras reconfortantes. Ela perguntou quantos deles sabiam. Não posso falar por mais ninguém, mas quando ela olha para mim, me silenciando com um olhar, posso dizer que sim.

LILITH: Eu gostaria que pudéssemos ser amigas por mais tempo.

Não consigo falar, cada palavra parece pequena demais, insubstancial demais, insignificante demais para ser a última coisa que ela possa ouvir. Tudo o que posso fazer é olhar nos olhos de Lilith enquanto sua respiração vacilante sobe em nuvens de vapor pálido, nuvens que ficam lentamente cada vez mais finas, até que nada surge.

Coloquei a mão dela no chão e deixei seus dedos deslizarem suavemente.

Minhas pernas me levam até Bluejay. Enfio minha mão no bolso dela e tiro a chave do Wrangler. O metal está irreparavelmente dobrado, sem esperança de voltar a encaixar na ignição. Este foi o resultado de ter o C4 como um último recurso, para ser usado apenas se minha vida estivesse em perigo iminente. Eçe tinha feito o seu trabalho, eu estava viva, mas também estava presa nesta floresta.

Não consigo me preocupar com isso agora. Minha mente está insensível ao conceito de sofrimento futuro, sem espaço para contemplar as provações potenciais de amanhã. Os horrores do presente já são difíceis de enfrentar, minha mente eclipsada por mais escuridão do que consigo processar. O único resquício de consolo que consigo reunir vem da crença esperançosa de que já vi todos os terrores que esta noite tem a oferecer.

Quando me viro para o Wrangler, vejo que estou errada mais uma vez.

Fico imóvel enquanto a forma torta da criança cambaleia para fora da linha das árvores. Parece marcadamente diferente, agora uma malformação de retalhos da adolescência, da idade adulta e da velhice. O rosto, entretanto, ainda é juvenil e cheio de uma tristeza inocente enquanto se aproxima de Bluejay com pés irregulares.

Parece que não me notou. Afasto-me de Bluejay e caminho lentamente em direção a Lilith, onde a lanterna LED de Rob ainda está no chão.

A criança chega até Bluejay, observando seu corpo silencioso e mutilado. Através da minha audição abafada, posso apenas ouvir um gemido de coração partido. Continuo recuando enquanto ela levanta o braço flácido de Bluejay, sacudindo-o descontroladamente, como se tentasse imbuí-lo de alguma aparência de animação.

Lágrimas frustradas escorrem livremente de seu queixo, a criança joga o pulso de Bluejay de volta no chão. Enquanto ela desvia o olhar de seu corpo partido e vira o rosto para mim, observo enquanto as feições suaves e inocentes se contraem em uma carranca de raiva juvenil, significando os espasmos iniciais de um acesso de raiva que poderia eviscerar qualquer coisa em seu caminho.

Nos últimos segundos de calma, sinto minha bota roçar na lanterna. Curvando-me lentamente, mantendo os olhos na criança o máximo que posso, estendo a mão direita e levanto-a do chão. Minhas esperanças de não precisar usá-la são frustradas instantaneamente. A criança cai sobre as mãos e as pernas, soltando um grito torturado e furioso, e corre em minha direção com uma velocidade impressionante.

Eu me esquivo no último momento possível, batendo na terra macia enquanto a criança para atrás de mim. No tempo que leva para se virar, já liguei a lanterna.

Mais uma vez, a criança é atingida por um poderoso feixe de luz. Surgem movimentos e espasmos descontrolados por seu corpo, sua pele puxando e esticando sobre ossos alongados. Gritando de dor, sua voz se aprofundando a cada segundo que passa, a figura desconexa corre em minha direção, segurando meu braço direito e me jogando no chão.

A lanterna balança violentamente enquanto a criatura sobe em mim, rasgando o tecido da minha manga direita e cravando as unhas na pele logo acima do meu cotovelo. Não para na

pele. Sinto a agonia quente e elétrica das terminações nervosas arranhadas, ouço o estalo nauseante de um osso quebrado. Antes de perder minha chance para sempre, jogo a lanterna fracamente com a mão direita e a pego com a esquerda, pressionando o fecho diretamente no rosto da criança.

Ela solta um grito que parece preso há décadas. Os olhos da criança reviram, dominados pelo ataque brutal que a luz causou. Observo enquanto seu rosto derrete e tremula durante a adolescência, a idade adulta e a meia-idade. O grito torturado fica rouco e fraco à medida que sua pele se enrugua e se solta do rosto, ultrapassando a idade humana para um reino intocado de decrepitude. Eventualmente, seus olhos ficam vidrados e seu grito outrora poderoso se torna nada mais do que um chocalho áspero. Deixo a criatura lamentável e sem vida cair no chão ao meu lado enquanto me coloco de joelhos.

Tropeço no chão em direção a Bluejay, caindo repetidamente, uma corrente vermelha encharcando o solo atrás de mim. Assim que a alcanço, uso a mão esquerda para desatar a alça de couro do rifle. Eu desajeitadamente faço um laço com a alça, passando-a por baixo do ombro direito. Minha cabeça parece leve, lutando para manter o foco. Pego um pedaço de pau do chão e coloco-o no nó do laço, usando os dentes para fechar o nó com segurança. Minha mão esquerda gira o bastão repetidas vezes, cada vez apertando a tira de couro até que ela morda minha pele.

O sangramento diminui, mas não o suficiente.

Levantando meu corpo cansado, mal conseguindo me manter de pé, coloco um pé cuidadosamente na frente do outro, lutando pelo chão úmido, saindo da clareira e entrando nas árvores.

Preciso voltar para o Wrangler.

Posso sentir tudo começando a desaparecer, até o zumbido em meus ouvidos está entorpecido, minha visão embaçada. Prendo o bastão sob a axila, liberando a mão esquerda para me apoiar enquanto começo a tropeçar nas árvores. Quanto mais perco minhas faculdades, menos capaz sou de perceber seu declínio, mas sei que elas estão desaparecendo muito rapidamente.

À medida que avanço pela floresta, uma figura sai das árvores, parando-me no meio do caminho. Eu balanço em meus pés, enquanto tento identificar o que estou vendo, o próprio ato de ficar de pé agora exigindo atenção constante e obstinada.

Nunca vi a figura antes. Parece ser composto por um turbilhão em constante mudança de faíscas monocromáticas crepitantes. Uma nuvem elétrica de preto, branco e cinza, com forma humanoide. Assim que me vê, a criatura humanoide cai para trás, se afastando de mim pelo chão, com mais medo de mim do que eu dela.

Não sei se a entidade é maligna ou benigna, mas no meu estado atual, minha mente gritando suavemente contra a luz que se apaga, não consigo fazer a distinção. Enquanto ele encosta em um monte de terra, tento pedir ajuda. As palavras necessárias já foram perdidas na névoa que avança, e tudo que posso fazer é estender a mão para ele. Tentando suplicar alguma centelha de humanidade dentro da figura efervescente e mutável.

Em resposta ao meu vago apelo, a entidade foge para a floresta, tropeçando em si mesma antes de desaparecer de vista. Enquanto o observo partir, um único farol fraco se acende nos cantos mais distantes da minha mente que desaparece rapidamente. Uma única luz, cujas implicações dão início à minha razão enfraquecida e me forçam a prosseguir pela floresta.

Posso ver o Wrangler por entre as árvores. Está perto, mas ao mesmo tempo, impossivelmente longe.

Há algo errado com meus olhos. O carro entra e sai de foco, mas cada vez que volta à vista a imagem fica menos nítida, até existir como um borrão verde escuro pulsante contra um fundo opaco e que balança lentamente.

Minhas botas batem uma na outra, um tropeço final que me traz de volta ao chão. Quando tento me levantar novamente, descubro que sou completamente incapaz. Não há mais força em meu corpo e nenhuma determinação pode me levantar novamente.

Embora possa ser minha imaginação, acho que posso ouvir um farfalhar constante na vegetação rasteira, como se algo estivesse vindo em minha direção. Logo depois meus sentidos começam a desaparecer, me deixando com nada mais do que o frio e o silêncio como companhia.

A luz fraca brilha até o fim, no entanto, um único fio de revelação, um pensamento solitário que tento manter no alto da névoa que tudo consome.

É uma lembrança, uma vaga lembrança da minha primeira entrevista com Rob J. Guthard.

Foi o dia em que nos conhecemos. O dia em que ele me contou sobre sua longa e sinuosa vida, o Japão, Hiroji, Aokigahara e o estranho fenômeno que viu e que despertou sua obsessão pelo sobrenatural. O acontecimento singular que o iniciou no caminho do Jogo da Esquerda/Direita, que conduziu esta excursão... O momento que nos trouxe até aqui.

ROB: Ele caminhou até mim por entre as árvores. Parecia estática que você vê em uma tela de TV, mas tinha quase uma forma humana.

AS: Quase?

ROB: Estava faltando um braço.